

portugal evangélico

IGREJAS METODISTA E PRESBITERIANA



oikologia

a necessidade de uma casa comum e habitável

em destaque: dossiê "caminho para a unidade"

índice

Mártires e Confessores da Fé

4

CMI - as alterações climáticas e a questão da água

6

O dever do cristão...

8

Igreja Metodista do Mirante

9

O sentido de uma Caminhada

11

Documento de Propósitos

12

Caminhar para a Unidade

14

O protestantismo na Ilha da Madeira

15

Região Protestante do Centro

17

Em nome de Deus?

18

Assembleia quadrienal do Dia

Mundial de Oração

19

Oikoumene

20

Aconteceu

22

Brevemente

24

CONCURSO

As questões ambientais são hoje, inevitavelmente, uma matéria de convergência, no que diz respeito ao discurso político, económico e social, sendo que a Igreja não poderá deixar de fazer ouvir a sua voz. Certamente de carácter diferente, marcado pelo carácter holístico, no qual enquadrámos a criação de Deus, o discurso da Igreja deve ser audível e a intervenção dos cristãos activa e empenhada.

Assim, e no sentido de suscitar reflexão e opinião, o Portugal Evangélico, com o patrocínio do no nosso assinante "Propostas e Negócios", empresa de Consultadoria Financeira sediada na cidade do Porto, decidiu organizar um concurso subordinado ao tema "OIKOLOGIA a necessidade de uma casa comum e habitável".

Neste concurso podem participar todos os leitores do PE, através do envio de um ou mais textos que não excedam uma página A4, com espaçamento simples entre linhas e corpo de letra Arial, tamanho 11.

Os trabalhos deverão ser enviados para a sede da Equipa Redactorial até ao dia 31 de Janeiro.

Os dois melhores artigos serão premiados e publicados na próxima edição do Portugal Evangélico.

O júri que apreciará os textos concorrentes é composto pelas seguintes pessoas: Pastor José Leite da Equipa Redactorial do PE, Bispo Ireneu Cunha e Pastor Jorge Barros.

Participem!

1º Prémio

DVD "Uma Verdade Inconveniente" do prémio Nobel da Paz Al Gore
Um cheque de duzentos euros

2º Prémio

Um cheque de cem euros



PROPOSTAS E NEGÓCIOS

CONSULTADORIA FINANCEIRA

Rua do Cunha, 130 - 4200-249 PORTO
Tel. 22 510 23 91 - Fax. 22 510 23 93
geral@propostasenegocios.com

Oferecemos aos particulares serviços nas áreas de crédito à habitação e consolidação de créditos com redução de encargos mensais

Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Directora: Estela Pinto Ribeiro Lamas
Sede da Redacção: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410 • Fax 22086961
Tiragem: 700 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482 • Depósito Legal n.º 201/84 • N.º contribuinte: 501081976
Execução Gráfica: TIPAVE, Indústria Gráfica de Aveiro Lda. – Apartado 3049, Zona Industrial da Taboeira, 3801-903 Aveiro
Gráfico: Eduardo Conde e Fernando Paulo • Equipa redactorial: Alexandra Silva, Cláudia Almeida, Eduardo Conde, José Leite e Pedro Brito
Colaboraram ainda neste número: Ireneu Cunha, Luís de Matos, Jorge Barros, José Salvador, Sifredo Teixeira, David Valente, Eva Michel, Eunice Leite.

A equipa redactorial é responsável pela selecção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições. O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redactorial. O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérito: a partir de 12,00 euros



editorial

oikologia a necessidade de uma casa comum e habitável

Vivemos momentos de ameaça e, a pouco e pouco, tomamos consciência que urge (re)aprender com Deus a conciliar a ética antropocêntrica e a exocêntrica e, assim, por Ele sermos/estarmos animados/as a construir uma nova ética que confira novos significados à vida, ao ser humano e à natureza – uma ética que, segundo Edgar Morin, assenta na conexão dos saberes, na (inter)(re)ligação dos seres, uma ética que vise unir em vez de fragmentar e que possa tecer o encadeamento complexo da vida.

Harald Pinheiro alerta-nos para que não esqueçamos “que as faces das novas dimensões éticas devem compreender a ética do debate, que necessita da polémica e do cultivo ao dissenso em vez do consenso; a ética da compreensão que fraterniza pela coexistência com o diferente, com o outro, aceitando o sujeito como o *é*”. Alerta-nos este estudioso para a importância da (re)ligação bem como para a ética da magnanimidade que, sentimos nós, hoje ao ler este novo número do *Portugal Evangélico*, estarem presentes nas palavras que adiante encontramos nos artigos que constituem

o dossiê

“caminho para a unidade”

Tudo aponta para uma reflexão, isto é, para um olhar crítico, focalizando as caminhadas do passado, um espírito aberto a *ver racionalmente e emocionalmente*, por um lado, os erros cometidos e a cegueira. Por outro lado, um espírito aberto, a recuperar, como lemos na p.4, “tempos primordiais da Igreja (...) os Dogmas centrais (...) as formas de ministério que a estruturaram”; a recuperar, também, tempos de nós mais próximos, como os vividos na ilha da Madeira, saltando à vista, na p.15, “a ideia de unidade do protestantismo (...) com metodistas e congregacionais (...) a Igreja Evangélica Portuguesa (...) a Igreja Presbiteriana” para, desse modo, “aprofundar as relações entre as comunidades mais próximas”, p.17.

Reflectir leva a (re)ver, a (re)aprender, a (re)construir, a (re)ligar. Começemos por (re)ligar as nossas vidas – não apenas pelo recurso à mente, mas pelo recurso ao todo do nosso ser e encontraremos certamente formas de (re)encantar a nossa visão da Criação no seu esplendor e, assim sendo, o sentido pleno da vida! Admirar é, etimologicamente, olhar com encanto!

Recordamos que foi o biólogo alemão Ernst Haeckel quem, em 1866, recriou a partir dos étimos gregos – *οικος* e *λογος*, a palavra *oikologia* (ecologia) e para ela delimitou o significado – “o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com seu meio ambiente”. No centro das discussões, delimitam-se quatro vertentes – a ambiental, a social, a mental e a integral. Se bem que nos interesse, aqui, centrar-nos na última, falar da *Ecologia integral* implica, todavia, retomar ideias presentes nas demais perspectivas; basta que recordemos a carga semântica do termo “integral” – aquele que se caracteriza pela integridade, pela totalidade, pela compreensão.

Pálido reflexo da sabedoria divina, ensina-nos a moderna cosmologia que tudo tem a ver com tudo, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Foi, assim ... Deus criou tudo e todos, numa interdependência total, estabelecendo entre todas as criaturas uma teia intrincadíssima de relações (Gen. 1:2) “o Espírito de Deus pairava sobre as águas”, a água, leia-se “a água berço da vida”, como se refere na p.6. No seguimento, da p.14, salientamos: “a acção do Espírito Santo é fundamental, porque é Ele que nos lembrará sempre o que é essencial e o que é viver em unidade beneficiando da riqueza da diversidade”. De facto, o universo como um todo possui uma profundidade espiritual ... o Espírito divino estava no universo antes de estar no homem; universo – a unidade, apesar da diversidade ... o complexo que, apesar da sua complexidade e diversidade, se constitui numa totalidade orgânica, dinâmica e que, apesar das muitas tensões, se harmoniza num cosmos e já não no caos.

“Amar a terra” surge na sequência lógica dos mandamentos de Cristo: “Amai a Deus sobre todas as coisas. Amai-vos uns aos outros”. Urge (re)aprender a ver o mundo na dimensão holística do nosso ser – *animus/anima* – e não apenas com os olhos da razão; pelo recurso à sensibilidade e à imaginação bem como pela abertura ao sagrado, que em nós pela *anima* acontece, poderemos sentir o *Deus em nós*, poderemos iniciar a caminhada que nos levará ao (re)encantamento do mundo.

mártires e confessores

Quando a Equipa Redactorial do PE me endereçou o convite para escrever uma série de breves biografias de distintas personalidades cristãs que pudessem, de alguma forma, dar continuidade à excelente sequência, já publicada, de estudos sobre vultos ligados à Reforma, correu-me ao espírito a letra da belíssima antífona «Te Deum», (antigo cântico 225 no Samos e Hinos), onde se lê:

“A Ti, o glorioso coro apostólico louva;
A Ti, a congregação dos profetas louva;
A Ti, o nobre exército dos mártires louva...”

E pensei que não seria despropositado tentar contribuir com uma série de artigos, necessariamente breves por razões de espaço, que pudesse vir a despertar nos leitores um maior interesse por algumas das nobres figuras de mártires, teólogos e confessores da Fé que, nos primeiros séculos da História da Igreja, sucederam aos Apóstolos na defesa, propagação e testemunho, até ao sangue derramado, da Palavra que de Cristo todos recebemos.

A dificuldade maior reside na escolha, visto ser numerosa a milícia daqueles que, nas sempre difíceis condições do paganismo generalizado no Império Romano, contribuíram indelevelmente para que esta nossa Europa, hoje aparentemente esquecida de tal herança, se viesse a constituir no *locus* privilegiado da sedimentação e generalização dos valores que são a trave mestra da civilização actual. Creio contudo que algumas «amostras» seleccionadas bastarão para lembrar a ideia que a Igreja não nasceu com a Reforma, nem Deus se deixou durante quinze séculos sem testemunhas.

Conhecer um pouco mais e melhor a importância decisiva dos chamados Pais da Igreja é hoje imprescindível. O conhecimento das suas biografias e das suas obras transporta-nos em espírito àqueles tempos primordiais da Igreja, quando ela era indivisa e no seu seio gerou o Cântico das Sagradas Escrituras, os Credos ainda hoje válidos, os Dogmas centrais sobre Deus e Cristo e formas de ministério



que a estruturaram e cujo estudo e consideração é hoje obrigatório para qualquer participação séria no diálogo ecuménico.

Confiamos, com a ajuda de Deus, poder cumprir a tarefa a que nos votamos, que não é fácil, e poder também merecer algum interesse dos nossos amáveis leitores, sobretudo daqueles que, de mente e coração abertos, forem capazes de apreciar, mesmo que não concordem totalmente, o que nos disseram e legaram vozes que agora alinham na «congregação dos profetas que louvam o Senhor, juntamente com os mártires e o coro apostólico».

Ireneu Cunha
Bispo Émerito da Igreja Metodista

da fé



Inácio de Antioquia – Teóforo (Portador de Deus)

O moderno turista, ao visitar as regiões do Próximo Oriente conhecidas como Turquia e Síria poucas igrejas cristãs encontrará. Se recuasse no tempo mil e novecentos anos poderia, caso fosse cristão praticante, inspirar-se em videntes comunidades cristãs, florescentes e intensamente missionárias, como podemos intuir ao ler no livro os Actos dos Apóstolos e o Apocalipse. A igreja de Antioquia tem papel de relevo no livro dos Actos; outras igrejas, tais como Esmirna, Éfeso e Filadélfia, no Apocalipse. Antioquia era nesse tempo a segunda cidade em importância em todo o Império Romano. Ali foram os seguidores de Cristo pela primeira vez chamados cristãos (Actos 11,26). Ali cresceu uma grande igreja, que durante os primeiros tempos da missão foi a verdadeira capital do Cristianismo nascente. Rezam antigas tradições, sempre duvidosas, ter sido o Apóstolo Pedro o seu primeiro Bispo. Certificam razões históricas, documentadas, que Inácio foi o seu terceiro *leader* pastoral, daí ter ficado conhecido como Inácio de Antioquia. Pouco se sabe da sua vida anterior. Terá nascido entre os anos 50 e 60 da nossa era e morrido entre 110 e 117. Encontramo-lo como personagem historicamente identificável pelos anos 80/90, e já na posição de bispo, durante a terceira perseguição romana aos cristãos, decretada pelo Imperador Traiano. Foi preso e conduzido em longa viagem, por terra e por mar até Roma, sob escolta de dez soldados romanos, que ele designava por os «seus dez leopardos».

Como eram perigosos estes cristãos primitivos!

Ao longo desta derradeira viagem, cujo *terminus* seria o martírio, muitos cristãos saíam-lhe ao caminho para o saudarem e animarem. Por isso também ao longo da mesma foi redigindo cartas dirigidas às igrejas, em número de sete, (como as de S. João no Apocalipse). Escreveu para as de Éfeso, Magnésia, Tralles e Roma. Em Troas, escreveu as restantes, uma para Policarpo (que fora discípulo

de S. João e também veio a ser martirizado) e as outras para as igrejas de Filadélfia e Esmirna.

Estas cartas são de grande valor espiritual e histórico, e extremamente reveladoras do sentimento e pensamento cristãos nos tempos que imediatamente se seguiram aos dos Apóstolos. Revelam o carácter do seu autor como sendo o de um cristão ardente, profundamente dedicado a Cristo e determinado a morrer por Ele em Roma. Na carta aos Romanos chega a instar com os cristãos romanos para que nada fizessem para impedir o seu martírio.

Na defesa da doutrina cristã, afirma claramente a Divindade e a Ressurreição de Cristo, e denuncia os erros dos gnósticos docetistas (como já o fizera S. João, *vide* 1 S. João 4,3) pois negavam a verdadeira humanidade do Senhor, e também combate os judaizantes, como antes fizera S. Paulo, por insistirem em impor práticas judaicas aos cristãos gentios.

É curioso que sendo ele bispo, na carta aos Romanos não menciona nem saúda qualquer dirigente local! Afirma contudo ter essa igreja sido fundada por Pedro e por Paulo, e deu grande ênfase à importância dos bispos na Igreja, como garantes da fé, o que se deve compreender à luz do facto de, no seu tempo, ainda não estar definido o Cânone das Sagradas Escrituras. Também foi Inácio quem pela primeira vez empregou a palavra *católica* aplicada à Igreja, com o sentido de universal.

Em Roma foi levado ao Coliseu e ali despedaçado por dois leões. Referindo-se ao seu martírio escreveu que queria ser «trigo de Deus», certamente aludindo às palavras de Jesus em S. João 12,24. Um cognome que a si mesmo gostava de aplicar era o de Teóforo, do grego *θεοφορος* que significa «portador de Deus».

O grande historiador protestante Harnack afiança serem as cartas de Inácio dignas de toda a confiança, por serem autênticas e genuínas.

cmi

as alterações climáticas

Para as Igrejas membros e para quem siga o percurso feito pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) não será novidade dizer que estes assuntos fazem parte da sua agenda e dos seus programas permanentes há mais de 25 anos. Já a 6.^a Assembleia, reunida no verão de 1983, em Vancouver (Canadá), aprovava a criação de um processo que se desejava conciliar, i.e., envolvendo todas as Igrejas numa mútua aliança pela justiça, pela paz e pela integridade da criação. É neste programa, particularmente no que nele diz respeito à integridade, salvaguarda e manutenção da criação, que se vão inserir todas as questões relacionadas com as causas e os efeitos das alterações climáticas.

A poluição atmosférica e aquática, o sobreaquecimento global, os "buracos do ozono", a erosão e desertificação, a extinção de muitas espécies vegetais e animais, e o risco da extinção de outras, são exemplos, entre muitos, que têm sido tratados técnica, científica, económica, bíblica e teologicamente pelo CMI e muitas das Igrejas que o integram. Para não divagar muito, escolhi para este artigo, um único assunto por muitos considerado fundamental e constituir mesmo um assunto de vida ou de morte: a questão da água.

As mudanças do clima afectam as pessoas em todo o mundo, mas as tempestades violentas, as secas prolongadas, as inundações e o aumento dos níveis do mar têm consequências devastadoras, especialmente nas comunidades pobres e mais vulneráveis. Estas alterações climáticas têm igualmente agravado a chamada "crise da água" em muitas partes do mundo e o CMI afirma que esta situação requer uma resposta que tem de ir muito mais longe dos alvos traçados pelo Protocolo de Kyoto.

O projecto "Rede Euménica da Água" (EWN), baseado na relação entre alterações climáticas e a água, realça os laços entre as preocupações ecológicas e sociais, emergências e desenvolvimento, ameaças globais e experiências locais e uma acção permanente pela defesa dos

direitos fundamentais, tanto a nível nacional como internacional. Todo este processo é inserido numa reflexão espiritual na qual são exploradas as dimensões sagradas e vitais da água.

Mais recentemente, na última Assembleia do CMI, realizada o ano passado em Porto Alegre (Brasil), foi aprovado um documento (PIC 03-5) que tem por título "Declaração sobre a água para a vida" e do qual extraímos os seguintes pontos:

1. A água é símbolo de vida. A Bíblia afirma que a água é o berço da vida, a expressão da graça de Deus concedida perpetuamente a toda a criação (Gen. 2: 2ss). É a condição básica de toda a vida sobre a terra (Gen. 1: 2ss) e tem de ser conservada e partilhada por e com todas as criaturas e com a criação em geral. A água é fonte de saúde e bem estar e exige de cada um de nós uma acção responsável como co-participantes e sacerdotes da Criação (Rom. 8: 19ss, Apoc. 22). Como Igrejas, somos chamados a participar na missão de Deus para uma nova criação na qual se assegure a todos vida em abundância (João 10: 10; Amós 5: 24)...

2. O acesso às fontes de água potável é uma questão cada vez mais urgente em todo o planeta. A sobrevivência de 1.200 milhões de pessoas está actualmente em perigo por falta de serviços suficientes de água e saneamento. O acesso desigual à água é causa de conflitos entre pessoas, comunidades, regiões e nações. Também a biodiversidade está ameaçada devido ao esgotamento e contaminação dos recursos de água doce... Trata-se, cada vez mais, a água como um bem comercial sujeito às leis e às condições do mercado.

3. ... Os acordos sobre os cursos de água e bacias fluviais internacionais devem ser mais concretos, estabelecer medidas para os fazer cumprir e incorporar mecanismos específicos para resolução de conflitos em casos de controvérsia.

4. Começam já a sentir-se as respostas positivas e criativas, tanto a nível local como internacional, que realçam o testemunho cristão sobre os problemas da água.

5. As Igrejas do Brasil e da Suíça, por exemplo, fizeram uma Declaração Euménica conjunta sobre a água como direito humano e bem público comum... O Patriarca Euménico,

Bartolomeu, afirma que a água nunca pode considerar-se ou tratar-se como propriedade privada nem converter-se num meio ou fim de interesses individuais. Sublinha ainda que a indiferença perante a vitalidade da água constitui tanto uma blasfémia contra o Deus Criador, como um crime contra a humanidade...

6. É imprescindível que as Igrejas e as organizações cristãs trabalhem em conjunto e cooperem com outros participantes neste

Internacional de "A água, fonte de vida", 2005-2015, instituído pelas Nações Unidas, examinando e destacando as dimensões éticas e espirituais da crise da água.

E pronto, caro leitor/a, a partir daqui já não podemos ignorar o que somos chamados a fazer, individual ou colectivamente. Porque não começar na sua família, no seu círculo profissional, na sua igreja local?

Muitas coisas poderão parecer irrisórias, mas

e a questão da água

processo, incluindo outras tradições religiosas e as Organizações Não Governamentais (ONGs)...

Perante a aprovação desta Declaração, a Assembleia tomou a seguinte **resolução**:

a) aprova a Declaração sobre a Água para a Vida e pede às Igrejas e associados ecuménicos que trabalhem unidos com o fim de:

b) promover a tomada de consciência e adoptar todas as medidas necessárias para conservar os recursos hídricos e protegê-los do consumo excessivo e da contaminação, como parte integrante do direito à vida:

c) desenvolver esforços de sensibilização para a elaboração de instrumentos e mecanismos jurídicos que garantam o cumprimento do direito à água como direito humano fundamental a nível local, nacional, regional e internacional;

d) fomentar a cooperação das Igrejas e interlocutores ecuménicos nos objectivos relacionados com a água através da participação na Rede Ecuménica da Água (EWN);

e) apoiar as iniciativas realizadas pelas comunidades, destinadas a potenciar a população local para que controle, administre e regule de maneira responsável os recursos hídricos e impeça a sua exploração para fins comerciais;

f) pressionar os governos e organismos internacionais de ajuda para darem prioridade e porem à disposição os fundos e outros recursos suficientes para o desenvolvimento de programas que tenham por objectivo garantir o acesso à água por parte das comunidades locais bem como o desenvolvimento de sistemas e projectos de serviços sanitários adequados;


g) vigiar as controvérsias e os acordos relacionados com os recursos hídricos e as bacias fluviais, com o fim de garantir que os ditos acordos incluam disposições detalhadas, concretas e claras para a resolução dos conflitos;

h) contribuir activamente no Decénio

todas são importantes. Já certamente ouviu os "trinta copos de água que gasta quando lava os dentes, só por não fechar a torneira" (será o seu caso?). Pense nos muitos que não sabem o que é uma torneira e que para obterem um copo de água têm de percorrer alguns quilómetros. Mas pensar não chega...

Peça material ao Conselho Mundial de Igrejas, às Nações Unidas, à Rede Ecuménica da Água e inicie uma acção de acordo com as necessidades ou os defeitos da zona em que vive! Ou talvez mesmo dentro da sua igreja. Ou na sua própria casa...

José Manuel Leite
(Pastor da Igreja Presbiteriana)



O dever dos cristãos preservarem a natureza como exemplo a uma sociedade pseudo-ecológica

Esta é uma refutação à ideia de que a ecologia deve ser encarada como uma preocupação secundária pelas igrejas. Não se pode continuar a colocar os problemas económicos, estruturais, ou mesmo sociais num plano que nos faz esquecer as questões ecológicas.

Não pretendo retirar qualquer valor aos referidos problemas, contudo não podemos calar-nos e sorrir enquanto a humanidade se autodestrói. Como cristãos não podemos continuar a adorar a Deus dizendo que está tudo bem com a Sua criação. Como afirmou Albert Einstein 'a vida é muito perigosa. Não pelas pessoas que fazem mal, mas pelas que se sentam a ver o que se passa'.

A Essência de Deus

Deus é a força motriz não somente da Humanidade, como de tudo o criado, já que é o único não-criado. Deus criou tudo, todos os elementos de todas as naturezas, e o ser humano mais não pode que ajoelhar-se ante a sua essência – a sua justiça eterna, o seu amor infinito e a sua graça imerecida. Mas Deus não criou a terra simplesmente como um sítio para o ser humano viver, Ele criou a terra com mecanismos complementares e independentes do ser humano.

Assim a essência de Deus não tem por base somente a justiça, o amor e a graça, mas também a harmonia entre toda a criação, e é aí que o não-criado faz visível todo o seu poder e essência.

A ecologia como dom de Deus dado à razão da Humanidade

O que significa ser cristão na criação?

No livro *Deus na criação*, Jurgen Moltmann aponta a uma comunhão eucarística da criação, "o homem está chamado a ser o ser eucarístico... está em condições de perceber conscientemente o

mundo como criação de Deus e considerá-lo como presença oculta de Deus...por isso o homem é capaz de receber a criação em agradecimento consciente e de apresentar a criação a Deus em adoração". Contudo, chego à conclusão que conscientemente não adoramos a Deus pela sua criação, pois conscientemente destruímos o que Deus nos deu para cuidar, e não poucas vezes subjugamos a natureza como se esta fosse uma escrava de nós mesmos.

O ser humano não está por cima, mas dentro dos limites da criação. O mundo não é uma consequência da criatividade humana, mas o resultado da graça de Deus, portanto, a relação que o ser humano tem com a criação é fundamentalmente de responsabilidade, uma relação ética.

O papel das igrejas

Há que ter cuidado ao adorar 'conscientemente' a Deus pelo que dá a cada um, adorar a Deus pelas suas bênçãos enquanto se destrói a formosura da sua criação é tomar o nome de Deus em vão.

Como defende Maria del Mar Clapera Gómez no artigo *La teología ecológica y el pecado estructural* 'quando nos esquecemos da criação, exacerba-se a importância da Bíblia (fundamentalismo), amplia-se o papel das igrejas (eclesiocentrismo) e exagera-se na função dos sacramentos (sacramentalismo)'.

Há então que educar, e as igrejas devem ser fonte de educação, tanto religiosa como cívico-ambiental. Na verdade devíamos ter vergonha do papel que passamos para a sociedade como cristãos, já que não poucas vezes a nossa piedade é apagada pelo nosso exemplo.

As igrejas têm de ser o exemplo vivo do amor de Deus para com a sua criação.

Abramos os nossos olhos e inclinemos os nossos ouvidos a Deus, Ele nos guiará e nos mostrará como andamos errados ao longo das últimas décadas. A função da Humanidade é cuidar do jardim de Deus. Cumpramos a nossa responsabilidade e então adoremos a Deus em liberdade.

Luis de Matos (Pastor estagiário da Igreja Presbiteriana)



igreja metodista do mirante

dossiê - caminho para a unidade

Este templo metodista e respectiva congregação, constituem o mais antigo trabalho protestante português organizado na cidade do Porto. Com um longo e variado historial, nem tudo será possível tratar aqui de modo exaustivo, pelo que serão feitas referências aos factos principais, de modo resumido e por ordem cronológica.

As primeiras provas históricas sólidas do início do Metodismo em Portugal começam em 1854, data de chegada do Eng. Thomas Chegwin para trabalhar nas minas de cobre do Palhal (alguns quilómetros a Sul de Oliveira de Azeméis). Em 1860 já havia uma "classe metodista" dirigida por este leigo, onde mineiros alfabetizados estudavam a Bíblia e esses factos são referidos numa carta enviada à Sociedade Missionária Metodista, em Londres.

Poucos anos depois já havia serviços religiosos metodistas no Porto e em Gaia. Em 1871, considerada data da fundação oficial, chega ao Porto o Rev. Robert Hawkey Moreton, que veio reforçar e organizar o trabalho metodista já existente.

Logo no ano seguinte, na Rua Sta. Teresa, é fundada a primeira Escola Primária da igreja. Em 1877, no dia 25 de Março é inaugurada a igreja do Mirante, que celebrou 125 anos em 2002.

Em 1894, o Mirante teve papel de destaque na fundação da Associação Cristã da Mocidade e foi o local da primeira Sede. Em 6 de Novembro de 1898 foi ordenado o primeiro Pastor português, Rev. Dr. Alfredo Henriques da Silva. Em 1908, são ampliadas as instalações do Mirante.

Em 1916 começou a funcionar no Mirante o Colégio Evangélico Metodista (ensino secundário) mas teve vida curta. Devido a várias dificuldades encerrou em 1919.

Em 1917 faleceu o Pastor Robert H. Moreton, e às inevitáveis adaptações juntou-se a crise devida à I Grande Guerra.

Em 1920, as várias Escolas Diárias Metodistas (incluindo o Mirante) tinham 770 alunos e 12 professores. O movimento financeiro total foi de cerca de 45 mil escudos, nesse ano. Muitos dos alunos frequentavam também as Escolas Dominicais, para ensino das principais doutrinas bíblicas.

Em 1920 foi fundado o "Portugal Evangélico", jornal da Igreja, hoje com 86 anos de existência

ininterrupta.

O Mirante tem também uma excelente biblioteca, sendo os livros mais antigos (alguns do séc. XVIII) os clássicos, e com livros mais actualizados pertencentes ao CEMES (Centro Metodista de Estudos). Devido às dificuldades de manutenção, em 3 de Maio de 1922 realizou-se a primeira 'kermesse' a favor das Escolas Primárias da Igreja.

Em 1927 passou a haver aulas nocturnas para "maiores de 15 anos". Na realidade, parece que na maioria eram adultos. Neste mesmo ano reúne a 1ª Junta Geral da Igreja Metodista.

Em 6 de Novembro de 1930 realizou-se a ordenação do Pastor António Tavares. Foi também professor do ensino primário.

No dia 23 de Janeiro de 1931 faleceu um dos maiores benfeitores das Escolas Primárias do Mirante, o Sr. Henrique Maxwell Wright, bem conhecido também pelas suas qualidades musicais, tanto em Portugal como no Brasil.

Em 1934, foram colocados na fachada azulejos em estilo neo-manuelino, feitos na Fábrica de Cerâmicas de Sacavém e desenhados por um artista membro desta Igreja, Sr. Delfim Gonçalves Vieira, com alguma colaboração do Professor e Pintor João Augusto Ribeiro.

Actualmente, o edifício é considerado de 'interesse municipal' pela Câmara do Porto.

Em 1952 chegou a Portugal o Rev. Stanley Wood, para reforçar o trabalho pastoral, em altura de crise, e ocupar o cargo de Superintendente-geral. Durante os cerca de três anos de estadia foi construída a "casa pastoral" anexa ao templo (actual Sede do Sínodo). Foi este Pastor que introduziu em Portugal a celebração do 'Culto do Pacto com Deus'.

Em 1955, veio o Rev. Albert Aspey, que passou em Portugal todo o resto da sua vida, com a esposa D. Cora, ainda viva, e a residir na Foz do Douro.

Em 1965 as dificuldades das Escolas Diárias acumularam-se a ponto de todas apresentarem saldo negativo.

Em 1971 foi comemorado o 1º Centenário da Igreja Metodista, com grandes celebrações, a algumas das quais as próprias autoridades

compareceram - Governador Civil, Presidente da Câmara Municipal e Bispo D. António Ferreira Gomes. Foi nesta altura editado o livro "Por este Caminho", do Rev. Albert Aspey, que dá aspectos históricos da Igreja Metodista Portuguesa em muito pormenor, abrangendo o período de 1854 a 1900.

Em 1976, no final do ano lectivo é encerrada a Escola Primária do Mirante, após 99 anos de actividade neste local. A última professora foi a D. Sofia Coelho.

Em 1984, o Rev. Aspey aposentou-se e foi substituído, a nível local e nacional, pelo Rev. Ireneu Cunha. No Mirante (salas das traseiras) funcionou durante alguns anos um Centro de Dia e de medição de tensão arterial.

Em 26 de Outubro de 1996 é consagrado no Mirante, em Culto solene, o 1º Bispo Metodista Rev. Ireneu da Silva Cunha, com a presença de dirigentes eclesiásticos de vários países. No mesmo ano passou de coadjutor a Pastor efectivo do Mirante o Rev. José Manuel Cerqueira. Em 1999 foi instalado o órgão de tubos, oferta de uma Igreja Metodista de Bristol, Inglaterra.

Em 2001 havia no Porto e arredores 6 locais de pregação do Evangelho, quer Igrejas quer Missões. No dia 1 de Dezembro do mesmo ano, foi colocado provisoriamente no Mirante o Rev. Jorge Barros.

Em 5 de Maio de 2002, o Pastorado do Mirante foi assumido pelo Bispo Sifredo Teixeira.

Dois Pastores do Mirante foram condecorados pelas autoridades civis. O Rev. Dr. Alfredo H. da Silva, em 22 de Setembro de 1921 recebeu o grau de Oficial da Ordem do Infante, no tempo da 1ª República. O Rev. Albert Aspey, em 10 de Junho de 1995, foi condecorado com o Grande Colar da Ordem do Infante D. Henrique, no tempo do Presidente Mário Soares.

A primeira mulher Pastora, Reva. Míriam Priscila Lopes, foi ordenada em cerimónia realizada neste templo, em 31 de Outubro de 1993.

Actualmente, são aqui recebidas regularmente escolas do Ensino Secundário, muitas delas de fora do Porto, em visitas de estudo. E, estando situada no centro da cidade, é frequentemente visitado por turistas.

Jorge Barros (Pastor da Igreja Metodista)

Os Sínodos das nossas Igrejas aprovaram, por esmagadoras maiorias e com muita alegria, o documento “Caminhada das igrejas...”. Como disse alguém “o caminho (a caminhada) faz-se a caminhar” e, assim, este documento vem na sequência de um processo de aproximação entre as nossas Igrejas que representa já um longo caminho percorrido em comum.

Por isso vejo neste processo o **Aprofundamento das Relações** desde há muito vividas entre Metodistas e Presbiterianos em Portugal e que, ao



o sentido de uma caminhada

longo do tempo, passaram pela cooperação em vários domínios: a Educação Teológica (Seminário), a Diaconia e a Evangelização (Lar de Estudantes e Igreja de Emaús em Coimbra), a Comunicação (Portugal Evangélico), a Colaboração entre os Departamentos de Jovens e Mulheres, a troca de Pastores, o Diálogo e a Acção Ecuménicos (COPIC e Centro Ecuménico – nestes também com a participação da Igreja Lusitana), para citar apenas os mais significativos.

Entendo este aprofundamento como **Um Acto de Obediência** à vontade expressa por Jesus na sua Oração Sacerdotal (João 17:21)– “que todos sejam um”– uma Palavra que, como toda a Palavra de Deus, se realiza em nós e por nós, pela acção do Espírito Santo. Caminhar para a unidade é dar cumprimento ao sonho do Senhor para a Sua Igreja, da qual somos uma parte. É “escutar” a Palavra como o Evangelho nos diz que ela deve ser escutada, ou seja “fazendo-a” (Mat. 7:21), tomando-a a sério na nossa vida pessoal e comunitária, tirar dela todas as consequências para a nossa Fé e para o nosso Testemunho.

Porque esta obediência é igualmente **Uma Necessidade para a Missão**. Como disse também o Senhor: “para que o mundo creia”. Vivemos num mundo marcado por tantas e tão profundas divisões, geradoras de injustiças e ódios, que acarretam violência, sofrimento, destruição e morte. Como pode a Igreja proclamar uma Mensagem de Justiça, Paz, Solidariedade e Reconciliação, se ela própria continuar a ser atravessada por divisões, rivalidades, competições? O testemunho da Igreja, tal como a Palavra de Cristo, tem que ser marcado pela autoridade da coerência e da autenticidade. É preciso que o Mundo veja em nós sinais da presença do Reino para nele acreditar.

Caminhar para a Unidade, juntando esforços, dando as mãos, orando e louvando, buscando a condução do Espírito, até sermos uma Comunhão em Cristo, é um imperativo da nossa Vocação. Deus abençoará o nosso caminho!

José Salvador
(Pastor e Presidente da Igreja Presbiteriana)

caminhada das igrejas presbiteriana

documento de propósitos

Este texto é um documento de trabalho para o diálogo conjunto e espera acolher os contributos individuais e colectivos de todos.

O protestantismo português, provindo embora de evangelização de missionários estrangeiros, tem há muito um cunho nacional e próprio, na medida em que serviu para romper o paradigma do mono confessionalismo nacional e o da “Igreja de Estado”.

No protestantismo português as Igrejas Metodista e Presbiteriana desempenham um papel pioneiro e de grande relevo em muitas áreas. O passado das duas denominações cruza-se muitas vezes, com excelentes contactos desde há 140 anos e com a partilha de Seminário, de pastores, de comunidades, do boletim “Portugal Evangélico” e muitos mais projectos e sonhos.

O séc. XX conheceu a união de metodistas e reformados por toda a Europa (Bélgica, Itália, Espanha) e na década de sessenta começou a falar-se na integração das duas Igrejas portuguesas.

Em 1964 o “Portugal Evangélico” tornou-se o órgão oficial de metodistas e presbiterianos e mais tarde estas Igrejas estariam na génese do Conselho Português de Igrejas Cristãs.

Presbiterianos e metodistas portugueses tornaram-se membros da Conferencia das Igrejas dos Países Latinos da Europa (CEPPLE) e da Conferencia das Igrejas Europeias (CEC). Mais recentemente a Igreja Metodista aderiu à comunhão de Leuemberg que reconhece mutuamente os ministérios e os sacramentos entre reformados, luteranos e metodistas.

Em todo este período o assunto da união entre as duas Igrejas esteve sobre a mesa.

Foi sendo sugerido que as duas Igrejas deveriam unir-se e formar uma igreja protestante portuguesa. Essa ideia foi crescendo, conheceu momentos de entusiasmo e de frieza, amadureceu com o movimento ecuménico, sobreviveu para lá das mudanças de líderes, manteve-se sempre na agenda, mesmo quando foi adiada. O assunto está de novo presente e as Comissões Executivas das duas Igrejas querem avançar mais um passo.

Neste passo, procura-se dar continuidade à caminhada para a unidade das Igrejas, que seja aprovada por ambos os Sínodos, com o objectivo de se chegar a um Sínodo Unido.

O modelo de unidade que propomos é muito particular e visa a unidade nacional das duas confissões. Não se trata de uma fusão, porque queremos manter as duas identidades; nem de um domínio, porque queremos caminhar par a par,

como parceiros; nem a fundação de uma nova confissão ou entidade, pois continuamos a rever-nos como presbiterianos e metodistas. Preferimos falar em reunião, reunião das duas Igrejas nacionais, porque preconizamos uma unidade em constante diálogo e respeito pela diversidade.

Metodistas e Presbiterianos são e continuarão a ser parte de duas grandes famílias da Igreja Cristã universal, a família Metodista e a família Reformada. Cada tradição partilha os seus dons uma com a outra e as diferentes identidades e tradições tornam-se agora uma herança conjunta, que permite uma experiência de variedade e riqueza no testemunho vocacional comum em Portugal.

As Igrejas locais Metodistas e Presbiterianas manterão as suas próprias identidades, tradições, história, autonomia, completa responsabilidade vocacional e características individuais. A autonomia patrimonial das duas Igrejas nacionais e das Igrejas locais será mantida.

Assim, com base nos referenciados princípios, propomos seguir com determinação o caminho de reunir as duas Igrejas e aprovar o presente documento de propósitos, que doravante orientará a nossa acção:

1- A unidade do testemunho da IEPP e da IEMP reunidas é expresso através dos Circuitos, Presbitérios e das Comissões Executivas dos



e metodista para a unidade

o presente documento foi aprovado pelos sínodos das igrejas presbiteriana e metodista

Sínodos, aos quais compete harmonizar objectivos, políticas e procedimentos comuns nas seguintes áreas: ministério pastoral, diaconal e de pregadores, imprensa, teologia, formação de pastores e leigos, a participação em trabalho social e em áreas sectoriais (Escola Dominical, jovens e mulheres).

2- A unidade de Fé será proclamada através de uma Declaração de Fé comum, inspirada na tradição cristã das duas confissões, como a confissão de fé histórica das Igrejas Presbiteriana e Metodista reunidas, considerando também, como documentos históricos as linhas contidas na Acta da Autonomia da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, que data de 26 de Outubro de 1996, relativo à autonomia do Metodismo português relativamente à Conferência Britânica da qual era um Distrito.

3- A unidade orgânica nacional será prosseguida através da elaboração e aprovação de Estatutos comuns, da reunião de um Sínodo Comum e da eleição de uma Comissão Executiva comum. Essa Comissão Executiva representará a reunião das duas Igrejas perante quaisquer entidades, eclesiais, ecuménicas e seculares, nomeadamente junto do Governo português.

4- Propõem-se o seguinte calendário de implementação:

2007

- Intercâmbios de pastores;
- Aprovação nos Sínodos Metodista (Março) e Presbiteriano (Junho) do presente documento de propósitos relativamente à reunião das duas confissões;
- Participação de uma delegação presbiteriana com direito a voz no Sínodo Metodista de 2008 e 2009 e de uma delegação metodista no Sínodo Presbiteriano dos mesmos anos;
- Constituição de Comissões Conjuntas de trabalho com vista à reunião das duas confissões, nomeadamente a relativa à proposta de novos estatutos;
- experiência de integração da Área Missionária de Lisboa (IEMP) e do Conselho Presbiteriano da Região Sul (IEPP);
- experiência de integração do Circuito de Aveiro (IEMP) e do Conselho Presbiteriano da Região Centro (IEPP);

2008

- Em 1/1/2008 começam a funcionar as novas regiões Lisboa e Centro, reunindo as Igrejas locais metodistas e presbiterianas;
- representações mútuas nos dois Sínodos;
- pastorais conjuntas e outros modos de integração do trabalho (ver ponto 1 desta proposta);
- Elaboração da uma Declaração de Fé comum (ou escolha de uma das declarações de fé históricas da Igreja);
- Estabelecimento da nova orgânica de funcionamento como Igreja nacional (reunião de duas confissões), com respeito pela tradição de ambas as confissões;

2009

- representações mútuas nos dois Sínodos;
- representações consultivas nas reuniões das duas Comissões Executivas;
- discussão sobre questões administrativas e financeiras;

2010

- realização do I Sínodo Comum;
- eleição de uma só Comissão Executiva do Sínodo;
- Festa da Unidade.

Figueira da Foz, 9 de Fevereiro de 2007

Representantes das Comissões Executivas Igrejas Metodista e Presbiteriana



caminhar para a unidade

Um dos sentimentos que muitos de nós tivemos quando os Sínodos das Igrejas Metodista e Presbiteriana tiveram lugar neste ano de 2007, foi o de estarmos a viver um tempo que marca a história das duas Igrejas. De qualquer modo, também muitos de nós ficamos conscientes que o que foi decidido não é automático na sua realização, ainda há um caminho a percorrer, uma busca a ser feita, de modo a encontrar uma forma de ser Igreja que honre o essencial acerca da fé cristã.

Quando em 1962 a Igreja Metodista decidiu convidar a Igreja Presbiteriana para ser iniciado este processo de caminhada para uma unidade, o que imperou foi o desejo de dar cumprimento à vontade de nosso Senhor Jesus Cristo expressa na sua oração registada no evangelho de João, para que todos possam ser um Nele.

O diálogo entre as duas Igrejas viveu vários momentos. Um dos que foi marcante aconteceu no Sínodo da Igreja Metodista de 1985 em Aveiro, onde foi decidido que os metodistas portugueses iriam seguir o rumo à Autonomia, porque a Igreja Metodista Portuguesa era um Distrito da Igreja Metodista do Reino Unido. Com esta decisão ficou interrompida a caminhada até ali feita com a IEPP, com vista à unidade das Igrejas. Manteve-se a colaboração no Portugal Evangélico, no Seminário Evangélico de Teologia e no que foi possível e desejável por ambas as partes.

A Autonomia da Igreja Metodista Portuguesa foi assinada em 26 de Outubro de 1996 e em 29 Agosto de 1997 a Igreja Presbiteriana endereçou uma carta à Igreja Metodista, com o teor de uma proposta aprovada no seu Sínodo que visava o retomar o diálogo entre as duas Igrejas. Em resposta ao solicitado, a Comissão Executiva da Igreja Metodista nomeou uma Comissão para o efeito e o diálogo voltou a estar na Agenda das Igrejas e avançou até à assinatura de uma declaração conjunta, no âmbito do acordo de Leuenberg. O evento público com a participação das duas Igrejas teve lugar na Figueira da Foz, no então Centro Ecuménico Reconciliação, no dia 31 de Outubro de 1998.

Desde então o diálogo teve oportunidade de acontecer, com pausas pelo meio motivadas por circunstâncias vividas nas Igrejas. Ultimamente os encontros entre os representantes das duas Comissões Executivas aconteceram com mais regularidade e concordou-se que era tempo de se dar oportunidade aos Sínodos das Igrejas para se pronunciarem sobre o caminho a seguir. Para tal efeito foi elaborado um documento de propósitos que conta com várias contribuições de irmãos e irmãs das duas Igrejas.

As decisões que tiveram lugar nos Sínodos do primeiro semestre deste ano são históricas, mas também são desafios a aguardarem a melhor resposta das Igrejas ao que é necessário para que seja atingido o objectivo em vista.

Assumindo que Deus nos chamou de muitos e

variados contextos, reconhecemos a possibilidade de desacordos ou diferenças. Muitas vezes as diferenças enriquecem a Igreja, mas algumas vezes dividem. Consideramos ser nossa responsabilidade demonstrar na vida da Igreja, a unidade e o companheirismo criados por Deus que nos fez um em Cristo.

Estamos agora perante uma situação em que o caminhar-se para a concretização do que foi aprovado, passa pela abertura de coração, pela colaboração, pela compreensão, pelo assumir compromissos, pela partilha de experiências e pelo pôr à prova algumas das formas de ser Igreja que juntos decidirmos seguir. Temos que procurar viver e afirmar a unidade que valoriza a diversidade e a pluralidade porque, deste modo, seremos uma Igreja que inclui, valoriza e respeita todos e todas, e que afirma com a sua prática e a sua vivência que o amor de Deus é dado a todos e todas. E, em tudo isto é importante que na caminhada sintamos sempre a presença Daquele que no caminho para Emaús fez a diferença. Doutro modo, poderemos cair em erro e seguirmos na direcção errada.

Como cristãos estamos a viver um tempo em que o número daqueles e daquelas que não acreditam na Igreja está a crescer, o que faz com que os bancos das igrejas contem com menos pessoas. Contudo, o número daqueles e daquelas que querem saber mais acerca de Jesus Cristo, acerca de Deus, acerca da vida espiritual, está a crescer. Assim, o desafio que está diante de nós é o encontrarmos uma forma de sermos Igreja, através da qual nós possamos ajudar quem quer saber mais acerca do amor Daquele que se preocupa com todos nós.

Acredito que seguiremos o exemplo de outras comunidades cristãs que fizeram caminhadas semelhantes. Procuraremos tudo fazer para estarmos unidos no essencial, para termos liberdade no que não é essencial, e para deixarmos o amor estar presente em todas as coisas em que estivermos envolvidos.

Acredito que trabalharemos de modo a podermos contribuir para que a oração de Cristo se cumpra, deixando que o Espírito Santo faça a sua parte. A acção do Espírito Santo é fundamental, porque é Ele que nos lembrará sempre o que é essencial e o que é viver em unidade beneficiando da riqueza da diversidade.

Acredito que temos disponibilidade para encontrar uma forma de se ser Igreja actual e em constante actualização que não nega a sua história, nem esquece as suas relações. Que é simples e dinâmica no modo de servir Cristo amando o próximo. Que inclui e dá oportunidades a todos e todas.

Com o coração cheio do amor de Cristo caminhamos para a unidade, confiantes de que com tudo o que fizemos e vivermos, ajudaremos a que o mundo creia.

Sifredo Teixeira (Bispo da Igreja Metodista)

a liberdade religiosa começa a impor-se: **o protestantismo na ilha da Madeira**



O protestantismo chega a Portugal com Robert Reid Kalley, médico escocês, que aporta na Madeira em Outubro de 1838. Na Madeira funda escolas primárias com o fito de ensinar a ler a Bíblia, que aliás era o livro de texto desses estabelecimentos, cria um pequeno hospital, prega o Evangelho, traduz e escreve hinos, organiza a primeira comunidade presbiteriana portuguesa e ordena presbíteros e diáconos.

Em 1843 iniciam-se as perseguições com o encerramento das escolas, com proibição de que Kalley falasse sobre assuntos de religião, com a prisão de Kalley por cinco meses e com a intimação, perseguição e prisão dos calvinistas madeirenses, uma das quais, Maria Joaquina Alves, foi condenada à morte por apostasia, heresia e blasfêmia. Tal sentença foi revogada pelo Tribunal da Relação de Lisboa.

As perseguições atingem o seu auge em 9 Agosto de 1846, data em que as forças católicas romanas estavam determinadas a erradicar de vez o calvinismo da Madeira. Nesse dia, sob a orientação do cônego Teles, a casa de Kalley é assaltada, a sua biblioteca queimada e os crentes madeirenses procurados em suas casas, espancados, perseguidos e presos. Kalley e mais de um milhar de protestantes logra escapar a

esta perseguição e fugir da ilha da Madeira em barcos ingleses que se dirigiam para Trindade (no “William” fugiram 200 pessoas, no “Lord Seaton” 500, e muitas noutros barcos em Agosto, Setembro e Outubro de 1846). Ainda existem na ilha descendentes dos calvinistas de Kalley, como é o caso do irmão Jacinto Cláudio Gouveia, presidente da assembleia do Conselho Presbiteriano da Região da Madeira.

Depois de 1846 a Igreja Evangélica Presbiteriana na Madeira entra na clandestinidade, havendo poucas informações relativas ao período entre 1846 e 1876.

Em 1876 chega do continente para dirigir a Igreja da Madeira o pastor António de Matos, um dos foragidos de 1846, que estudara teologia e foram ordenado pastor nos EUA. A visibilidade do trabalho deste obreiro volta a trazer problemas e Matos é intimidado e proibido de pregar. Porém, o trabalho não vai morrer, e outros obreiros emprestam ao longo do tempo o seu esforço à animação e assistência da comunidade madeirense.

Em 1883 chega ao Funchal o Sr. Manuel Melim que toma conta do trabalho entre os evangélicos nacionais. Em 1892 chega A. Drummond Patterson, para pastorear a Igreja escocesa, que, como

estrangeiro, tinha maior liberdade de movimentos e vai apoiar Melim, que pode assim abrir uma missão do Machico e outra em Santo da Serra. Nesta época são inauguradas várias escolas primárias, eleitos e ordenados novos diáconos e presbíteros, e, mais tarde, criada a Associação Cristã da Mocidade (A.C.M.) do Funchal.

Entretanto, em 1898, um evangelista que prestava serviço na Igreja Escocesa, William George Smart, entra em conversações com o bispo metodista Hartzell para estabelecer no Funchal uma Igreja Metodista Episcopal, o que vem a acontecer. Os metodistas enviam os seus obreiros, Rev. Benjamim Rufino Duarte e George B. Nind, que, com a colaboração de vários evangelistas, como Júlio de Freitas, e o colportor Braúlio da Silva, conseguem um crescimento notável, com a abertura de um trabalho no centro do Funchal (Rua do Conselheiro, 29-39), a absorção dos trabalhos presbiterianos no Machico e em Santo da Serra, e a organização de um trabalho em Santa Cruz e outro na Ribeira Brava, este com a colaboração de Manuel Correia, vindo da Igreja Presbiteriana. A comunidade metodista (de seu nome oficial Missão Metodista Episcopal da Madeira), que na sua época chegou a ser a mais forte na ilha, fundou uma escola e tinha um importante mensário, que chegou a ter uma página em inglês, "A Voz da Madeira" (1908-1934).

Em 1924/1925 diversos jovens, Anselmo Figueira Chaves, José de Freitas, José Correia, João de Andrade e outros, procuram criar uma comunidade protestante unificada e autenticamente nacional. Embora no seu Manifesto de 23 de Maio de 1925 Chaves e outros lancem um apelo à unidade, a sua acção traduziu-se na formação de mais uma igreja, a Igreja Cristã Evangélica Portuguesa, de cariz congregacional (oficialmente organizada em 25/9/1925). A sua principal comunidade era no Funchal, mas tinha trabalhos em S. Gonçalo, S. António e Caminho do Terço, sendo o primeiro templo desta igreja o de Louros (Rua



Bartolomeu Dias), inaugurado em 29/3/1931. Este movimento cria um periódico que, dada a sua longevidade (1925 a Dezembro de 1970), havia de servir várias gerações de cristãos evangélicos: chamava-se "Madeira Nova".

A Igreja Presbiteriana na Madeira, que muito crescera com o trabalho de Melim e Patterson, tinha então à sua frente o Rev. J. W. Purves, ministro da Igreja Escocesa, e Júlio Viterbo Dias (vindo do metodismo madeirense), que trabalhava sobretudo com a comunidade presbiteriana nacional. O trabalho presbiteriano de então compreendia uma Igreja no Funchal e missões em S. Roque e Estanquinhos. O periódico presbiteriano desta comunidade era o "Madeira Evangélica" (1927-1930).

Purves, de grande cultura e visão, simpatiza com a Igreja congregacional e apoia-a, cedendo-lhe o templo escocês para realizarem os seus cultos e interessando-se pela formação do seu líder, Anselmo Chaves, que é enviado para o Brasil estudar teologia. A ideia de unidade do protestantismo madeirense, lançada por Chaves no referido Manifesto de 23/5/1925, encontra em Purves um entusiasta. Purves cria com metodistas e congregacionais uma frente única, que a partir de 1925 reúne mensalmente com vista à coordenação do trabalho evangélico na ilha.

A união orgânica das três confissões evangélicas da Madeira, porém, só vai ocorrer com o regresso de Chaves do Brasil, em 1931, já ordenado pastor, ano em que se juntam a Igreja Cristã Evangélica Portuguesa, de maior dimensão, com a Igreja Presbiteriana e com a comunidade metodista do Santo da Serra, constituindo a Igreja Evangélica de Portugal. A esta entidade aderem, no ano seguinte, as restantes comunidades metodistas, Funchal, Machico e Ribeira Brava. A adesão dos metodistas à Igreja Evangélica de Portugal conta com o acordo do bispo metodista Wade, que se desloca à Madeira para tal fim. Chaves escreve então para o Presbitério de Lisboa, dizendo que a ocasião era oportuna para fazer a ligação institucional entre a obra da Madeira e do Continente, o que vem a concretizar-se mais tarde.

A Igreja Evangélica de Portugal vai ter os seus estatutos aprovados em 1935, e vai enfrentar alguma oposição por parte de um sector confessionalista, mas tudo é ultrapassado, e a Igreja vem a fortalecer-se e a beneficiar do apoio e do empenho de muitos obreiros além de Chaves, como é o caso de Júlio Silvestre Figueira, que exerceu o seu ministério de pastor sem nunca ser remunerado, Joseph Reavley, ministro escocês, e seu sucessor John A. Calderwood, Nigel Power, e os leigos Manuel Mendes, José Correia, Manuel Correia, José Jerónimo Franco (Machico) e muitos outros.

Em 1944, graças ao esforço local e das juntas missionárias americanas e brasileiras, a Igreja Evangélica de Portugal une-se com o movimento protestante no continente, dando origem em 1947-1952 à Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal.

David Valente
(Secretário Geral da Igreja Presbiteriana)



região protestante do centro

De acordo com o “Documento de Propósitos”, aprovado pelos Sínodos das Igrejas Metodista e Presbiteriana, o qual se encontra disponível nas páginas centrais deste número, foi instituída a primeira Região Protestante. Esta designação foi acordada pela Comissão de Diálogo para a Unidade, composta por membros das Comissões Executivas das duas Igrejas.

Esta realidade eclesial, de carácter experimental, pois não encontra suporte jurídico nos Estatutos de ambas as instituições, visa aprofundar as relações entre as comunidades mais próximas de ambas as Igrejas, de forma a encontrar uma dimensão pastoral conjunta que anteriormente se estabelecia individualmente, quer ao nível dos Circuitos Metodistas e dos Conselhos Presbiterianos Regionais.

Assim no passado dia 30 de Setembro, nas instalações da igreja Presbiteriana do Bebedouro, estiveram reunidos Pastores, Pregadores Leigos, Diáconos Metodistas, Presbíteros Regentes Presbiterianos e delegados das comunidades locais do Circuito de Aveiro e do Conselho Presbiteriano Regional do Centro para instituir, em Assembleia Geral, a Região Protestante do Centro.

A Ordem de Trabalhos foi marcada pelo debate em torno dos objectivos desta experiência, pelas eleições para a Mesa da Assembleia e para o Conselho da Região e, finalmente, pelas propostas apresentadas.

Testemunhámos, com agrado, o bom espírito e a participação activa de todos no decorrer dos trabalhos. O testemunho favorável de muitos irmãos, entusiastas desta caminhada, deixou-nos um sentimento de esperança e confiança no futuro e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de agir e informar para que todos se sintam envolvidos neste processo.

Foram eleitos para a Presidência da Mesa da Assembleia Geral e para a Presidência do Conselho da Região, respectivamente, os Pastores José Leite e Eduardo Conde.

Gênesis 1,26 – 31 *Em nome*

“Deus criou a terra, criou o ser humano. Vendo a sua obra, considerou-a muito boa. Ao mesmo tempo, autorizou o homem, a mulher, a destruir a criação”: afirmar isto seria, de facto, absurdo. Contudo, e indiferente a tão óbvia contradição, as palavras do livro de Gênesis têm servido (e continuam a servir, para alguns) como justificação da mais desenfreada exploração da natureza, em proveito do “progresso” e de um modelo civilizacional que privilegia a comodidade, o crescimento ilimitado de bens e... lucros chorudos para uma pequena minoria.

Portanto, é preciso insistir com toda a clareza: esta “interpretação” do texto bíblico é profundamente errada e é urgente corrigi-la. Por três motivos:

1. O texto bíblico pura e simplesmente não diz isto. Vejamos: este belíssimo poema sobre a criação (Gen. 1,1- 2,4) surgiu no século VI a. C., no meio dos judeus exilados na Babilónia. Este povo vencido, subjugado e desterrado atreveu-se a cantar a glória de um Deus único e universal, criador e Senhor de tudo! Sol e Lua, poderosas divindades cósmicas, como diziam os babilónicos?

Nem pensar! São luzeiros, colocados no firmamento pelo criador! Contra um cosmos cheio de divindades, os sacerdotes judeus afirmavam a soberania universal do Deus de Israel e enraizavam nos tempos primordiais a celebração do sábado, a organização litúrgica do tempo, para um povo que perdera o seu lugar sagrado em Jerusalém.

É este o propósito deste poema de fé – que, reparem bem, nada (rigorosamente nada!) tem de uma tese científica ou histórica sobre a origem do mundo.

E o domínio sobre a terra, sobre os peixes, os pássaros, todos os animais? Sem dúvida, ele está lá. Mas está lá, no contexto de uma *bênção* (pelo que não deve resultar numa maldição para o resto da criação!) (v. 28). E está lá, como expressão, concretização de uma das ideias mais sublimes e surpreendentes da Bíblia: o ser humano criado “à imagem e semelhança” de Deus. Dificilmente se conceberá que um ser humano que age à semelhança de Deus seja “autorizado” a transformar o mar numa lixeira, tornar o ar irrespirável, provocar a alteração do clima, ou seja, a comportamentos que resultem na ameaça de destruição desta mesma criação.

Eunice Leite (Presbítera Regente da Igreja Presbiteriana)

Realizou-se de 30 de Maio a 6 de Junho deste ano, mais uma Assembleia Geral Quadrienal do Dia Mundial de Oração. Com a presença de 200 mulheres de mais de 95 países do mundo, sob o tema “Soprarei o meu espírito sobre ti e tu viverás”. O lugar foi num maravilhoso campo universitário, não muito longe da cidade de Toronto, no Canadá.

O programa sempre muito sobrecarregado foi dividido em grupos de trabalho. Divisão por Áreas para discussão dos problemas que existem e como ultrapassá-los. Informações para os países que estão há pouco tempo neste movimento mundial e têm dificuldades de se constituir em Comissões e grupos de trabalho e às vezes com as Igrejas.

Divisão por temas de interesse internacional, tais como: SIDA, o trabalho do DMO durante o ano, Liderança e Educação.

Dois estudos bíblicos: o primeiro sobre Job, usando as mulheres presentes e com materiais audiovisuais que levaram a uma compreensão rápida do que se pretendia atingir. Este foi apresentado por uma professora da faculdade de teologia de Viena, Áustria. O segundo apresentado também por uma teóloga, americana, o usando o mesmo método, foi do meu ponto de vista menos interessante por ser um texto demasiado conhecido, tratou-se de Marta e Maria.

Depois os trabalhos burocráticos: relatórios, informações e este ano eleições para a Presidente e Tesoureira internacionais e Presidente da área da Europa. O método de votação é muito estrito e nunca as delegadas se misturam com as visitantes, e as Áreas também estão separadas.

À noite há sempre uma sessão de folclore, África, Ásia, Europa, América Latina, América do Norte e Caraíbas. Nesse momento todas dançam, mesmos as que têm reumático ou outros problemas. O que interessa é a participação. Muito ou pouco todas estão juntas por um tema que lhes é querido e pelo qual trabalham: ORAÇÃO. Terminamos o dia sempre com um momento devocional feito pelas diferentes Áreas.



de Deus?

Eva Michel (Pastora da Igreja Presbiteriana)

2. Outras passagens bíblicas vão corroborando esta interpretação: Génesis 2 faz do ser humano um jardineiro, encarregue de cultivar e guardar o jardim de Éden (2,15). Contemplando a beleza da criação, o Salmo 104 vê no homem um trabalhador, no meio da panóplia de criaturas, sustentado e alimentado, como todas elas, pelo Deus da Vida. Para Jesus, um campo de trigo, uma semente, os pássaros falam do Reino dos Céus. Na carta aos Romanos (8, 18-22), Paulo vê todas as criaturas a ansiar pela vinda do Reino.

Se é verdade que a natureza não está propriamente no centro da mensagem bíblica, também é verdade que nada na Bíblia justifica encará-la "apenas" como "matéria" ou material, completamente sujeito aos interesses ou caprichos do ser humano.

3. Esta visão da natureza reflecte, pelo contrário, o tempo moderno e a sua tendência de isolar o homem como ser racional face ao mundo que, segundo Francis Bacon, lhe é sujeito e entregue como um escravo ao seu dono.

Hoje deparamos com as consequências devastadoras desta visão limitada e em muito

ultrapassada. Curiosamente são os próprios cientistas que nos ajudam a perceber que o ser humano é, antes de mais, um *ser vivo*, parte da natureza e ligado aos outros seres vivos num complexo e fascinante tecido de vida. Novas imagens vão surgindo: o ser humano, parte de um grande organismo vivo; a criação, uma rede... Nada está isolado, tudo tem impacto sobre tudo. Por vezes, as descobertas dos investigadores do século XXI aproximam-nos surpreendentemente àquilo que os místicos desde sempre intuíram.

Voltando-nos de novo para o texto bíblico, o antigo mito do livro de Génesis começa a brilhar numa nova luz: pois batalhando contra um mundo divinizado, cheio de deuses e poderes ocultos (e nem sonhando ainda com uma natureza desprovida de Deus e reduzida a mero "material"), revela-nos o mundo como boa e bela criação de Deus, impregnada da sua presença e do seu espírito. E encarrega-nos, seres humanos criados à sua imagem, a cuidar deste mundo com responsabilidade. Destruir a criação torna-se um sacrilégio, protegê-la uma expressão e consequência da nossa fé.

Quando foi que da última vez se admirou com uma gota de orvalho, uma criança a brincar, uma folha a dançar no vento enfim, com a maravilha da vida?

dia mundial de oração assembleia geral quadrienal

No Domingo fomos a diferentes Igrejas e depois almoçamos com uma família que nos levou a visitar a cidade de Toronto e terminamos com uma recepção ecuménica.

Com alguma tristeza e apesar do número de participantes, as mulheres jovens são muito poucas, apenas cinco entre os 35 e os 40 anos. A média será talvez de mais de 65 anos. Um apelo tem sido feito desde há quatro anos para que o nosso trabalho seja de maneira a interessar as mais jovens,

mas tem sido muito difícil. Esperamos que Deus desperte mulheres jovens para este trabalho.

Para terminar só lamento não poder ter ido às cataratas do Niagara, mas precisava de voltar mais cedo por causa do Sínodo da minha Igreja.

Que Deus continui a abençoar todas as mulheres que no mundo inteiro levam para a frente este movimento Ecuménico de Oração que se iniciou duma maneira muito mais simples, no final do século XIX.





Igrejas canadenses rejeitam bênção a casais do mesmo sexo

As Igrejas Anglicana e Luterana do Canadá decidiram não aprovar propostas que pediam a invocação da bênção nas celebrações da união de casais do mesmo sexo. No Sínodo geral da Igreja Anglicana, reunido em Winnipeg, rejeitou, por margem mínima, uma resolução que daria autorização às dioceses de decidirem por si mesmas. “Até quando, Senhor, até quando?” exclamou o Bispo Fred Hiltz, eleito no Sínodo como o novo Arcebispo Primaz da denominação. Também em Winnipeg, os delegados da Convenção da Igreja Evangélica Luterana do Canadá derrotaram uma proposta semelhante por 200 votos contra e 181 a favor. [ENI-07-0486]

Mulher presidente dos luteranos no Canadá

A Rev. Susan Johnson é a primeira mulher a ocupar a posição de Bispa Nacional na Igreja Evangélica Luterana do Canadá. “Estou verdadeiramente grata e honrada por esta incrível honra” disse após a sua eleição. A Bispa Johnson sucede o Bispo Raymond Schultz, que havia anunciado, em Janeiro, retirar-se no passado dia 1 de Setembro. [ENI-07-488]

Cardeal australiano não consegue influenciar o voto sobre clonagem

Os legisladores católico-romanos da província australiana da Nova Gales do Sul votaram favoravelmente a clonagem de embriões humanos para fins de pesquisa científica, apesar da intervenção do Cardeal George Pell ter avisado os políticos católicos que, se desobedecessem à posição oficial da Igreja, poderiam ser excomungados ou privados da comunhão. Numa conferência de imprensa antes da votação, disse: “Os políticos católicos que votarem a favor deste legislação devem estar conscientes que os seus votos terão consequências quanto aos seus lugares na vida da Igreja. Esta sua intervenção foi alvo de fortes críticas de políticos católicos que o Cardeal tentava influenciar. Um deles, o deputado Adrian Picolli, afirmou: “Gostaria de os ver proibir-me de participar na comunhão”. [ENI-07-0492]

Embaixador boliviano na Dinamarca é Bispo Metodista

O Bispo metodista Eugenio Poma, um índio Aymara da Bolívia, passou a ser o novo embaixador do seu país na Dinamarca, deixando deste modo a presidência da Igreja Metodista na Bolívia. Bem conhecido nos círculos ecumênicos, o Bispo Poma trabalhou de 1995 a 2003 no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, como secretário executivo para os assuntos dos povos indígenas e depois como coordenador deste mesmo programa em conjunto com o Conselho das Igrejas na América Latina. [ENI-07-0487]

Agenda do diálogo ecumênico entre Moscovo e o Vaticano

O Patriarca Alexis II da Igreja Ortodoxa Russa (IOR) afirmou estar disposto a renovar e reforçar os seus laços com o Vaticano para promover os valores cristãos na Europa, enquanto que o diálogo teológico pela Unidade parece continuar no impasse.

“Esta cooperação é muito importante na Europa onde as raízes cristãs são muito profundas. Infelizmente, estas mesmas raízes estão, na actualidade, em vias de ser esquecidas ou mesmo rejeitadas”, disse o Patriarca, que continuou: « A tentativa de impor à sociedade uma maneira um modo profano de pensar e um modo de vida que exclui a religião é particularmente ressentido na Europa ». Alexis II manifestou a esperança que as Igrejas Católica e Ortodoxa possam juntar-se no diálogo sobre as questões da globalização, dos direitos humanos, os valores da família e a ética biológica.

As relações entre a ICR e a IOR estão bastante tensas desde há alguns anos. O Patriarcado de Moscovo acusa, particularmente após a queda da União Soviética, os católicos de proselitismo em terras tradicionalmente ortodoxas e estas tensões agravaram-se em 2002, quando o Vaticano criou quatro dioceses permanentes na Rússia [RIA Novosti]

oikoumene



3ª Assembleia Ecolúmica Europeia

A 3ª. Assembleia Ecolúmica reuniu em Sibiu, Roménia, de 4 a 9 de Setembro. Estiveram presentes cerca de 2500 pessoas representando as várias Igrejas cristãs na Europa. Foi organizada pela Conferência das Igrejas da Europa (CEC) e pelo Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE). Portugal esteve representado por um grupo de irmãos e irmãs das Igrejas Católica Romana, Presbiteriana, Lusitana, Metodista e Evangélica Alemã.

O tema que foi tratado: "Jesus, a luz que ilumina todos!" esteve presente em todos os tempos de culto, oração, discursos, exposições, concertos musicais, fóruns e grupos de trabalho.

Portugal marcou a sua presença na sala de exposições criada para o efeito, ocupando o espaço que lhe foi atribuído, a partir de onde se pôde partilhar um pouco do que tem sido a nossa experiência ecolúmica. Tivemos também a oportunidade de realizar um tempo de partilha sobre a experiência do Fórum Ecolúmico Jovem no nosso país, o qual fez parte do programa oficial da Assembleia. A Assembleia foi um tempo de encontro, de descoberta, de afirmação de vontades, de partilha de experiências, de aprendizagem mútua e de afirmação de fé.

A mensagem final foi adoptada pelos delegados presentes na muito concorrida sessão final da Assembleia. Brevemente será traduzida em português e posta à disposição de todos e todas que queiram ficar a saber o que ficou dito neste importante encontro de cristãos da Europa. Enquanto a tradução está a ser trabalhada, destaco desde já alguns pedacinhos que servirão certamente para reforçar a continuidade da nossa caminhada ecolúmica.

"Nós, Cristão peregrinos de toda a Europa e não



só, testemunhamos o poder transformador da Luz, que é mais forte do que a escuridão, e proclamamos que é a grande esperança para as nossas Igrejas, para toda a Europa e para todo o mundo."

"A luz de Cristo conduz-nos a viver para os outros e em comunhão uns com os outros. O nosso testemunho de esperança e unidade para a Europa e para o mundo só será credível se continuarmos a nossa caminhada para a unidade visível. Unidade não é uniformidade. Há um valor enorme no experimentar de novo a comunhão e a partilha dos dons espirituais que têm alimentado o movimento ecolúmico desde o seu início."

"Recomendamos a renovação da nossa missão como crentes individualmente e como Igrejas, para proclamarmos Cristo como a Luz e o Salvador do mundo."

"Recomendamos que sejam encontrados caminhos para experimentar actividades que nos possam unir: oração uns pelos outros e pela unidade; peregrinações ecolúmicas; formação teológica e estudo comum; iniciativas sociais e diaconais; projectos culturais; apoio à vida em sociedade baseado nos valores cristãos."

"Recomendamos a participação de todo o povo de Deus na vida da Igreja e, particularmente nesta Assembleia, registamos o apelo feito neste sentido pela juventude, pelos idosos, pelas minorias étnicas, e pelos deficientes."

"Recomendamos que o período de 1 de Setembro a 4 de Outubro seja dedicado à oração pela protecção da Criação e para promoção de estilos de vida responsáveis que mudem a nossa contribuição para as alterações climáticas."

Possa a luz de Cristo continuar a brilhar e a iluminar todos e todas que nele crêem, para que a unidade que valoriza a diversidade seja visível e para que o mundo creia.

Sifredo Teixeira (Bispo da Igreja Metodista)

acon



Festival Europeu Metodista

De 1 a 5 de Agosto, na capital da Eslováquia, Bratislava, decorreu o segundo Festival Europeu Metodista, organizado pelo Conselho Europeu Metodista subordinado ao tema, "Celebremos...".

Celebremos... por sermos amados (1 João 4,16)
Celebremos... por sermos jovens (Lucas 18,16)
Celebremos... por sermos estrangeiros (Heb 11,13)
Celebremos... por sermos diferentes (Gálatas 3,28)
Celebremos... por sermos viajantes (Mateus 9,9)

Este evento visa fortalecer o sentido de conexão do povo metodista na Europa, apelando para a dimensão da festa. É um tempo de partilha e testemunho, de aprofundamento da fé pela vivência de momentos especiais marcados pela contribuição de irmãos de diferentes nacionalidades.

Estiveram em Bratislava mais de mil metodistas, de Portugal à Rússia, irmanados na fé em Jesus Cristo, ligados por uma história comum e nutridos numa só esperança, a de continuarem a ser Igreja viva pelo poder do Espírito Santo.

A participação portuguesa ficou marcada pela presença do grupo Trevo Alegre que, em muitos momentos do evento, encantou com a sua música.



Bodas de Ouro

No dia 12 de Agosto na Igreja Metodista de Valdozende, o Bispo Sífredo celebrou as Bodas de Ouro do casal LAMEIRA desta comunidade, com a presença do pastor local Emanuel Dinis e toda a família. De seguida houve festa todo o dia na casa do casal onde participaram todos os filhos, genros, noras e nestos. Esta família é constituída por 37 pessoas, sendo a sua maioria Metodistas. Que Deus continue a abençoar este casal.

teceu

Colóquio sobre Imigração em Lisboa

Delegados das Igrejas Protestantes dos Países Latinos (CEPPL), da Igreja Protestante da Região do Reno, da Igreja Evangélica da Grécia e da Igreja dos Irmãos Checos, reuniram-se em Lisboa, entre os dias 13 e 16 de Setembro, para um Colóquio de partilha de experiências, acerca do impacto da Imigração nos respectivos países e Igrejas.

O reitor do seminário da Igreja Valdense-Methodista, de Roma, brindou-nos com uma excelente apresentação teológica. Uma representante do Conselho da Europa, conduziu-nos numa abordagem das políticas de integração na Europa. Um sociólogo suíço levou-nos a uma compreensão mais global e diversificada deste fenómeno mundial.

O debate foi muito rico e variado. A visita a um projecto concreto em Mosca e a presença de diversos colegas portugueses, permitiu um enquadramento das experiências de acolhimento no nosso país. De referir o apoio do Secretário-Geral da IEPP, bem como do Rev. Emanuel Dinis, durante todos os trabalhos, nas visitas, refeições e logística.



Encontro de adolescentes e jovens presbiterianos

No passado fim-de-semana alargado do 5 Outubro reuniram-se nos Pavilhões de Madeira da Quinta dos Vais, 38 "presbiterianos com açúcar": adolescentes e jovens entre os 14 e os 22 anos e alguns monitores. Sob o tema "Proximidades", pensaram, cantaram, representaram, oraram e procuraram descobrir formas de se aproximarem mais de Deus, uns dos outros e de si próprios. Foi um tempo de reencontro marcado pela alegria e intensa comunhão num tempo de mudança na vida do Departamento de Juventude. A boa participação e o entusiasmo posto nos trabalhos abrem perspectivas de futuro e fazem acalentar esperança. ►





Celebração Matrimonial

Foi no passado dia 4 de Agosto que o Luís de Matos, Pastor estagiário da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, e a Alexandra Silva, coordenadora durante muitos anos do Departamento de Juventude da mesma Igreja, pediram a Bênção de Deus para o seu casamento em cerimónia presidida pelos Pastores Idalina Sitanela e José Manuel Leite. Ao jovem casal, do qual as nossas Igrejas muito têm a esperar, o Portugal Evangélico envia os seus parabéns e deseja-lhes uma lua-de-mel sem fim...



Igreja de Ligares

No passado dia 21 de Outubro, representantes das Comissões Executivas das Igrejas Presbiteriana e Metodista, deslocaram-se à igreja de Ligares para dar posse aos pastores Rui Rodrigues e Eduardo Meixieira como responsáveis pastorais. Esta iniciativa inscreve-se na fase de experiência de integração de comunidades de ambas as Igrejas numa mesma Região. Estavam presentes, para além dos membros da comunidade local, pela igreja Metodista, o Bispo Sifredo Teixeira, que pregou, a sua esposa Maria Emília e o Pastor Eduardo Meixieira; pela Igreja Presbiteriana, o Presidente, Pastor José Salvador, o Pastor Rui Rodrigues e a esposa Aurélia Valle e o Secretário Geral, David Valente.

brevemente

07 de Novembro

Reunião da Comissão para a elaboração de uma Confissão de Fé para a igreja unida

15 a 16 de Novembro

Reunião da Comissão de Diálogo para a Unidade (IEMP/IEPP) na Figueira da Foz

17 de Novembro

Pastoral conjunta Metodista e Presbiteriana na igreja da Moita

25 de Novembro

Vigília de Oração pela Paz promovida pelo Departamento da Juventude Metodista

01 de Dezembro

Assembleia Geral constituinte da Região Protestante do Sul

02 de Dezembro

Celebração Musical celebrativa do tricentésimo aniversário do nascimento de Charles Wesley na igreja do Mirante, Porto

20 de Dezembro

Cantares de Natal na cidade do Porto pelo Grupo Ecuménico Jovem da cidade

2008

No decorrer de Janeiro

Lançamento do terceiro volume sobre a vida de Robert Kalley

06 de Janeiro

Culto do Pacto com Deus nas igrejas Metodistas

06 de Janeiro

Ordenação do Pastor estagiário Pedro Brito na igreja das Alhadas, pelas 15:00h

programas televisivos

2007

01-Nov	Fé dos Homens	IEPP
15-Nov	Fé dos Homens	IEMP
25-Nov	Caminhos	COPIC
29-Nov	Fé dos Homens	ILCAE
23-Dez	Caminhos	COPIC

2008

03-Jan	Fé dos Homens
16-Jan	Fé dos Homens
27-Jan	Caminhos
31-Jan	Fé dos Homens